



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A etnofotografia como ferramenta de salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE)¹

Letícia Ramalho Nascimento²

Maria Érica de Oliveira Lima³

José Cláudio Alves de Oliveira⁴

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

O estudo objetiva analisar a etnofotografia como instrumento de salvaguarda do patrimônio cultural, tomando como referência a Festa do Senhor do Bonfim, em Icó (CE). Baseia-se nas pesquisas de Mead e Bateson, de 1942, precursores do registro etnofotográfico, e apresenta um panorama histórico da cidade e de sua principal manifestação cultural, situando o fenômeno em sua dimensão sociocultural e comunicacional. A metodologia combina etnografia, análise interpretativa de registros fotográficos e relato de experiência. Ancorada na teoria da Folkcomunicação, a pesquisa evidencia a etnofotografia como meio de difusão e valorização de identidades coletivas, memória e cultura local.

PALAVRAS-CHAVE: etnofotografia; patrimônio cultural; Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE); Folkcomunicação; memória coletiva.

1. INTRODUÇÃO

A fotografia é uma ferramenta essencial de comunicação, capaz de transmitir informações e preservar fenômenos de memória coletiva. Segundo Serra, Machado e Medeiros (2021), nas Ciências Sociais consolidou-se sua relação com o conhecimento científico, ampliando seu uso além do estético e artístico. Foram Margareth Mead e Gregory Bateson os pioneiros no uso da fotografia como instrumento de registro e análise sociocultural em *Balinese Character* (1942), contribuindo para a criação do que ficaria conhecido como antropologia visual (Fernandes e Fernandes, 2019).

Sendo assim, este estudo analisa a Festa do Senhor do Bonfim, em Icó (CE), reconhecendo a etnofotografia como meio de salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial, através da etnografia visual, análise documental e interpretação de imagens.

¹ Trabalho apresentado no GT 1 “Fotografia documental”.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: leticyya015@gmail.com. Bolsista de Formação Acadêmica pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

³ Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: mariaerica@ufc.br.

⁴ Professor no Programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia (PPGMUSEU) da UFBA, e-mail: claudius@ufba.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por investigar a etnofotografia na salvaguarda cultural, este trabalho analisa a Festa do Senhor do Bonfim e a cidade de Icó (CE) com base em Costa (1998), Santos (2018), Lima e Sousa (1996), Lima (1998) e Théberge (1973). Aborda-se também os fundamentos teóricos da Folkcomunicação, Etnografia e Etnofotografia segundo Beltrão (1980) e Lima (2005).

2.1 Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE)

O município de Icó, no Centro-Sul do Ceará, é uma das cidades mais antigas do Nordeste, originada no século XVII por colonizadores portugueses. Além disso, a cidade tem dois bens tombados pelo IPHAN: a antiga Casa de Câmara e Cadeia, tombada em 1975 e o conjunto arquitetônico com 420 imóveis tombados desde 1998 (Cavalcante, 2021). Segundo Lima (1998, v. 2, p. 110), “Icó faz fronteira com Paraíba e Rio Grande do Norte, o que facilitou o escoamento de mercadorias para Pernambuco e Bahia”. De acordo com Théberge (1973), devido à localização estratégica, Icó consolidou-se como importante entreposto comercial e administrativo durante o período colonial.

A obra *Princesa dos Sertões*, de Lima e Sousa (1996) evidencia Icó como um território de intensa criação e recriação de narrativas populares, expressas na oralidade e nas manifestações culturais e religiosas, destacando-se a Festa do Senhor do Bonfim como sua principal expressão cultural e religiosa. Como observa Santos (2018, p. 261), “possivelmente, a paróquia de Icó tenha sido criada ainda no alvorecer do século XVIII”, o que indica que a devoção ao Senhor do Bonfim foi introduzida nos primeiros momentos de organização eclesiástica da localidade. Datada de 1749, a Igreja do Senhor do Bonfim é o centro da mais antiga romaria cearense, reunindo anualmente fiéis e romeiros em celebração que une sagrado e profano, sendo realizada no Largo Théberge (Costa, 1998; Santos, 2018).

2.2 Folkcomunicação e Etnofotografia

Na década de 1960, Luiz Beltrão desenvolveu a teoria da Folkcomunicação, que analisa as formas populares de comunicação criadas por grupos ditos marginalizados, valorizando expressões culturais periféricas frequentemente ignoradas pela mídia hegemônica e revelando a criatividade e resistência das classes

menos favorecidas. Como afirma Beltrão (1980, p. 24), ela pode ser definida como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

A Folkcomunicação relaciona-se diretamente à etnofotografia, que, segundo Lima (2005, p. 3), “pode ser definida como uma antropologia visual, ou seja, a descrição de uma sociedade, de uma determinada cultura, de um determinado nicho social; a partir do uso de imagens fotográficas.” É fazer uma etnografia a partir da fotografia”, descrevendo comunidades marginalizadas e suas culturas por meio da fotografia. Analisada pela perspectiva da Folkcomunicação, a etnofotografia configura-se como um meio de comunicação alternativo à mídia hegemônica, registrando acontecimentos, como a Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), e preservando a cultura local.

2.3 Etnofotografia e Salvaguarda Cultural

A etnofotografia, como método de observação e registro cultural, permite compreender as dimensões simbólicas do cotidiano das comunidades. Em Icó (CE), a Festa do Senhor do Bonfim constitui espaço privilegiado para essa abordagem, revelando a relação entre fé, tradição e identidade. Momentos como a descida do Santo, a feitura dos tapetes, a procissão, a passagem pelo arco e o lançamento das bombas simbolizam a união do sagrado e do popular. Entre 2023 e 2025, durante a pesquisa de mestrado, a autora registrou fotograficamente esses acontecimentos, produzindo um conjunto de imagens que documenta e analisa a manifestação cultural icoense, evidenciando devoção, memória e tradições locais.

2.3.1 A descida do Santo

Figura 1 - A retirada do Santo (2024)



Fonte: Foto de Letícia Ramalho

A imagem captura a descida do Cristo crucificado, tombado pelo IPHAN, do altar da Igreja do Senhor do Bonfim, ato que marca o início do que no dia seguinte será a procissão. Evidencia-se o esforço coletivo dos icoenses, simbolizando a fé compartilhada antes da procissão.

2.3.2 A feitura dos tapetes

Figura 2 - Tapetes de Bonfim (2025)



Fonte: Foto de Letícia Ramalho

A imagem mostra a tradicional feitura dos tapetes que, segundo Santos (2018, p. 279), “tem sua origem no ano de 1974, quando Icó teria recebido um visitante da região sul do país, que descreveu o uso de tapetes nas procissões”. Feitos com serragem colorida e sal, os tapetes representam o trabalho coletivo, enquanto a fotografia valoriza sua extensão, simbolizando devoção e a dedicação da comunidade à tradição.

2.3.3 A procissão

Figura 3 - “Não tire o Santo do lugar” (2024)



Fonte: Foto de Letícia Ramalho

A fotografia registra a procissão da festa, onde memória, fé, emoção e coletividade se unem. O santo ornamentado com flores amarelas é conduzido por uma multidão, tornando o espaço urbano sagrado. Como afirma Costa (1998, p. 80), “a paisagem urbana em Icó revela-se naquele momento como resultante de uma

manifestação cultural que orienta funcionalidades e um redimensionamento do espaço urbano sob influência do sagrado”.

2.3.4 Passagem pelo arco

Figura 4 – Passagem pelo arco (2025)



Fonte: Foto de Letícia Ramalho

A fotografia captura a passagem do santo sob o arco luminoso ao entardecer, com o andor ornamentado como foco de devoção. A multidão registra o momento com celulares, evidenciando a fusão entre tradição e modernidade na perpetuação da memória coletiva.

2.3.5 Lançamento das bombas

Figura 5 – Corpo incandescente (2025)



Fonte: Foto de Letícia Ramalho

A imagem registra o ápice da procissão, a queima das bombas do Senhor do Bonfim. O fogo envolve os fiéis em movimento, simbolizando transe, devoção e pagamento de promessas, enquanto a fotografia traduz a experiência corporal, emocional e comunitária da religiosidade popular icoense.

3. CONCLUSÃO

A etnofotografia, enquanto ferramenta metodológica e comunicacional, constitui um importante instrumento de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. As imagens da Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE) transcendem o registro



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



documental, tornando-se narrativas visuais que expressam fé, devoção e identidade coletiva, visto que, cada fotografia funciona como mediação entre pesquisador e comunidade, preservando memórias e reconhecendo práticas culturais locais como patrimônio simbólico. Assim, com base na teoria da Folkcomunicação, evidencia-se que a fotografia atua como meio popular de comunicação, difundindo valores, tradições e crenças. Portanto, a festa, observada através da etnofotografia, revela-se espaço de produção de sentidos, memórias e identidades, destacando a importância da fotografia na valorização e preservação cultural.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CAVALCANTE, Rebeca Pierre. **Conjunto arquitetônico e urbanístico de Icó**: normas para Preservação. Organização e texto Rebeca Pierre Cavalcante; Ilustração Cláudio José Guimarães Saraiva. Fortaleza: Iphan, 2021.

COSTA, Otávio José Lemos. **A Festa do Senhor do Bonfim em Icó-Ceará**: uma abordagem da Geografia da Religião. 1998. 121f. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.

FERNANDES, Daniel dos Santos; FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Imagens e palavras na escritura da narrativa etnofotográfica: notas metodológicas. **Revista Territórios & Fronteiras**. v. 12, n. 1, p. 72-89, Cuiabá, jan./jul., 2019.

LIMA, Idelsuite de Sousa; SOUSA, Maria Eleneuda de. **Princesa dos sertões**. Fortaleza: Tropical, 1996.

LIMA, Miguel Porfírio de. **Icó entre fatos e memórias**. v. 2. Icó: [s.n.], 1998.

LIMA, Francisco Silva de. Projeto Fotoetnográfico Ilha dos Marinheiros: a utilização da fotografia como método de pesquisa. In: XXVIII INTERCOM Júnior, 2005, Rio de Janeiro: UERJ. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Só aqui no Icó nós temos uma festa bonita assim”: sacralização do espaço e da memória na festa do Senhor do Bonfim de Icó/CE. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano X, n. 30, p. 259-284, jan./abr., 2018.

SERRA, Anna Carolina Fernandes; MACHADO, Danielle Fernandes Costa; MEDEIROS, Mirna de Lima. Uso e potencial da fotoetnografia para os estudos turísticos. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 2, p. 290–322, 2021.

THÉBERGE, Pedro. **Esboço histórico sobre a Província do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.